

**IMPACTOS DO TRABALHO NA SAÚDE MENTAL DO POLICIAL MILITAR****Emelly França Bonifácio<sup>1</sup>****Thaylla Núbia da Silvia Souza<sup>1</sup>****Fernanda Bicalho Pereira<sup>2</sup>**[fernandabicalhopereira@gmail.com](mailto:fernandabicalhopereira@gmail.com)**Área de conhecimento:** Ciências da Saúde**RESUMO:**

Esta pesquisa se trata de como o trabalho do profissional da polícia militar pode influenciar na sua saúde mental. O objetivo do trabalho é analisar os impactos na saúde mental em função do trabalho, percebidos por um policial militar. Para isso, utilizaremos o método história de vida, na busca por compreender as vivências de um profissional da segurança pública. O policial convidado pelas pesquisadoras relatou pontos importantes sobre o funcionamento da corporação, e que acha pertinente que esse tema seja abordado, como lidam com elevadas cargas de estresse e desgaste e se existem formas preventivas e como fazem para cuidar da saúde mental. Os policiais militares se colocam frequentemente em situação de estresse e perigo pela frequência com que lidam com a agressividade e morte. Os policiais têm suas condições ambientais e laborais marcadas pelo risco, a violência, cobranças da sociedade e precárias condições de trabalho. Tais situações atribuem ao policial militar o status de destaque entre os servidores públicos que mais sofrem de estresse. Por tal motivo é de suma importância que se debata esse tema, a fim de se criar formas preventivas para o sofrimento desses profissionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Policial militar; Saúde mental; Trabalho.**INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa aborda os impactos do trabalho na saúde mental do Policial militar. Tradicionalmente, os policiais são uma categoria pouco valorizada socialmente, ao passo que sofrem grande pressão social, condições de trabalho precárias e intensos riscos envolvidos na prática profissional. Segundo Pereira, Madruga e Kawahala (2020), cinco fatores impactam a saúde mental do policial militar, sendo eles o estresse em função do trabalho, os traumas em função de

---

<sup>1</sup> Alunas do curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestre em Saúde e Enfermagem. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

incidentes críticos, a jornada de trabalho em diferentes turnos, problemas ligados aos relacionamentos e o abuso de álcool.

De acordo com Oliveira e Faiman (2019), o trabalho do policial militar pode ser fonte de desgaste e estresse, uma vez que se trata de uma profissão de grande visibilidade e alvo de constante julgamento pela sociedade. A percepção do policial pela comunidade em geral varia entre o herói que salva e protege a população, e aquele que abusa do poder que tem.

A polícia e sua função pode ser definida de diferentes formas, com tudo, diferentes opiniões são construídas, as vezes negativas, quando a figura do policial militar é associada a Ditadura Militar e ao abuso de poder, as vezes positivas vendo-se que é um profissional que age conforme a ética moral e legal. Por ser uma categoria que não é muito estudada não dispomos de conhecimento acerca de seu funcionamento (OLIVEIRA, FAIMAN 2019).

Nos veículos midiáticos atuais é perceptível como os policiais são retratados ora como heróis valentes, ora como vilões sem escrúpulos, que matam os inocentes. Existe, porém, uma realidade que muitas vezes não é mostrada: a do policial como vítima da violência que combate. A exposição à violência, as condições de trabalho, muitas vezes, inadequadas, bem como a grande exigência e pressões do militarismo e da sociedade os tornam mais expostos a sofrimentos psíquicos (SPODE, MERLO, 2006).

Muitos policiais militares ingressam nessa carreira pelo status social, a ideia de segurança e de estabilidade, mas sofrem todos os dias com o risco real que seu trabalho o expõe, como a própria morte, perda de colegas de profissão, ausência de reconhecimento e sofrimento mental causado pelo impacto da profissão (DANTAS *et al.*, 2010).

O ingresso na corporação, os sujeitos são impulsionados a se destituírem de seus ideais, crenças e valores para coligarem os valores determinados pela corporação. No início, sentem o impacto e a pressão das regras no convívio social intramuros, onde as relações começam a perder a naturalidade, sendo mais

robotizada, se revestindo de medo, receio do erro e de suas consequências (AMADOR, *et al.*, 2002).

A formação do policial militar é marcada por princípios rígidos, dificultando muitas das vezes a construção de relações sociais saudáveis. Gradativamente, o policial se afasta de sua singularidade, adotando o regime da instituição polícia militar não só intramuros, mas fora também (AMADOR *et al.*, 2002). A proximidade com a morte, a violência, as expectativas que se colocam sobre o policial, pode promover a sensação de impotência, mas com a negação do sofrimento psíquico em nome da segurança pública (SILVA, 2015).

O objetivo do presente trabalho é analisar os impactos na saúde mental em função do trabalho, percebidos por um policial militar. Para isso, utilizaremos o método história de vida, na busca por compreender as vivências de um profissional da segurança pública.

Trabalhos como este são importantes para ampliar a literatura sobre o tema, podendo contribuir para embasar a elaboração de intervenções para a promoção da saúde mental para os trabalhadores da polícia militar.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, por meio do método história de vida. A pesquisa descritiva tem a finalidade de descrever determinada população ou fenômeno, e suas características estão embasadas na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como observação sistêmica ou questionário (GIL, 2002). Como técnica de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, com o propósito de conhecer as vivências de um policial militar, bem como suas percepções no que tange o impacto do trabalho na saúde mental.

O método história de vida, de modo geral, se estrutura entorno da escuta, por parte do pesquisador, do relato da história de vida de alguém. Para tal, exige um vínculo significativo entre sujeito e pesquisador, o qual determinará a qualidade da entrevista (TRINDADE *et al.*, 2020). O relato da história ocorre a partir do desejo do entrevistado de contar sobre parte de sua vida. Dessa forma, o pesquisador solicita



que o sujeito relate sua história, em entrevistas semi-estruturadas (NOGUEIRA *et al.*, 2017).

Dada a importância do vínculo entre sujeito e pesquisador para que o relato da história de vida aconteça, não se vê como problema a escolha do sujeito de pesquisa a partir do círculo de convivência dos pesquisadores (SILVA, *et al.*, 2007).

A pessoa convidada a narrar parte de sua história de vida foi um policial militar, do sexo masculino, com 33 anos de idade, que presta serviço há 14 anos na corporação. O policial entrevistado participa do círculo de convivência de uma das pesquisadoras. Após passar pelo processo de consentimento, o profissional concordou com a participação na pesquisa, ratificando a decisão por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi assinado, escaneado e enviado às pesquisadoras de forma virtual, para ser arquivado.

A entrevista foi realizada de forma virtual e síncrona, por meio de chamada de vídeo, no aplicativo Zoom. Dessa forma, garantiu-se a segurança do participante e das pesquisadoras, em função dos riscos relacionados à pandemia por COVID-19.

A entrevista foi gravada e transcrita. De acordo com Nogueira e colaboradoras (2017), ao fim da escuta do relato de vida, o material deve ser transcrito e, em seguida, discutido entre participante e o pesquisador.

Segundo Nogueira e colaboradores, no método história de vida os pesquisadores devem proceder “um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa” (NOGUEIRA *et al.*, 2017, p.468).

Deste modo, os dados foram analisados, e apresentados na narrativa que se segue.

A pesquisa seguiu todas as exigências éticas da lei 466/2012.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Através dessa pesquisa narramos a história de vida de Guimarães, um homem de 33 anos de idade, policial militar, com 14 anos de serviço na corporação.

Guimarães sempre foi bem preocupado com a prevenção da saúde mental do policial militar e quando recebeu nosso convite para contar sua história na polícia, ele não hesitou.

Convidamos a Guimarães para relatar um pouco da sua experiência de vida na corporação, desde que ingressou até os dias atuais:

Guimarães então relata que entrou na polícia com 19 anos com o incentivo da sua irmã que sempre admirou a profissão. Começou o curso em uma cidade grande e bastante agitada em Minas Gerais. Após o término do curso, começou a trabalhar em outra cidade, no interior de Minas Gerais, a qual possuía um alto índice de violência e crimes. Após 8 anos conseguiu voltar a sua cidade natal, onde esse índice de violência não era tão alto. No entanto, foi quando passou a sentir mais forte a pressão psicológica feita por seus superiores, de forma bem desgastante, pelo fato de serem diárias, com a exigência do cumprimento de metas, as quais, muitas das vezes, colocavam em risco as vidas dos profissionais envolvidos. Guimarães relata ter saído a serviço muitas das vezes com o colete a prova de balas com a data de validade vencida e em viaturas em mau estado de conservação. Não percebe preocupação por parte de seus superiores sobre isso. Ao contrário, exigem que se cumpram as metas a todo o custo, não importa como.

Após alguns anos na polícia, Guimarães consegue perceber que o militarismo conseguiu mudar um pouco sua percepção do perigo, uma vez que não percebia o perigo ou selecionava os lugares para frequentar. Atualmente, percebe o perigo em todos os lugares, relembra que na academia de polícia são condicionados a esse comportamento durante todo o curso, mas passou a questionar essa atenção exagerada aos riscos, como algo que o limita para a vida e suas relações interpessoais. Percebe muitos colegas com dificuldade para se relacionar com amigos e familiares, bem como frequentar alguns ambientes, por temer, de forma exagerada, a ocorrência de situações que ameacem a vida dos presentes.

O participante acredita que a corporação tem possibilidade e recurso para oferecer melhores cuidados em saúde mental mas identifica uma negligência quando o assunto é saúde mental. Quando um policial comunica aos superiores algum sofrimento de ordem afetiva ou emocional é denominado como como corpo mole. Isso faz com que raríssimos policiais busquem suporte nos sofrimentos mentais, por temerem o julgamento. Aqueles que chegam a procurar ajuda psicológica ou psiquiátrica, e recebem a recomendação de afastamento do trabalho, tem a licença contestada por um médico do batalhão, que, em geral, não é especialista em saúde mental. É comum que uma recomendação de 15 dias de afastamento realizada por um profissional da saúde mental, seja reduzido para um atestado de 5 dias ou seja desconsiderado.

Foi perguntado a Guimarães se ele presenciou ou viveu algum tipo de surto ou descontrole emocional gerado pela exaustão do trabalho:

Com isso o Guimarães percebe muitos colegas de profissão chegando ao limite, adoecidos por seguirem trabalhando, sem pedir ajuda, por temerem ser banalizados pelos superiores e demais colegas. Já presenciou muitos amigos que atuam diretamente com graves problemas sociais, policiais considerados 'linha de frente', 'surtarem'(sic), pois estão tão sobrecarregados e sem cuidados em saúde mental, que se descontrolam.

O policial lista alguns exemplos: Um amigo tirou a própria vida; outros amigos já tentaram o suicídio; outro amigo, em um momento de descontrole, tentou efetuar um tiro contra seu próprio filho. Guimarães relata tais casos com muito pesar. Identifica que discutir sobre a saúde mental do policial militar é muito importante. Percebe que, no local onde atua, os números de casos de policiais que cometem o autoextermínio são maiores do que aqueles que perdem a vida no combate em serviço.

Durante seus 14 anos de serviço, Guimarães relata que recebem palestras sobre saúde mental, mas sempre ministradas pelos superiores, os quais não tem formação em saúde, mas ocupam esse espaço pela hierarquia. nunca presenciou uma ministrada por um psicólogo. Em uma dessas palestras, ministrada pela

ocorrência de muitos problemas psicológicos no seu batalhão (sic), um de seus superiores, que ministrava a palestra, definiu depressão como algo normal, pois o ser humano inevitavelmente questionará a própria existência em algum momento. Guimarães questionou seu superior sobre essa fala, mas não foi acolhido, tendo que ouvir outras afirmações que indicavam a depressão como um fenômeno sem importância, que faz parte da vida de todas as pessoas.

Na ocasião dessa palestra, presenciou um soldado sair da sala chorando. Quando foi conversar com ele sobre o ocorrido, o soldado informou que estava vivendo uma depressão a qual estava conseguindo contornar com a ajuda da família, amigos e profissionais de psicologia, mas externos à polícia, porque dentro da corporação não teve apoio algum.

Foi perguntado a ele de que forma a corporação cuidava da saúde mental deles e quais seriam os melhores métodos pra esse cuidado:

Guimarães não percebe apoio dentro da corporação. Os profissionais de psicologia que atuam na polícia não desenvolvem ações que promovam o cuidado e a prevenção da saúde mental. O foco da corporação, segundo o policial, é cumprir as metas e mostrar números que não tem reflexo algum na sociedade, deixando de lado a sua saúde mental.

As escalas de serviço cansativas, muitas vezes o impede de passar a grande maioria das datas comemorativas com familiares e amigos. Isso ainda compromete as opções e oportunidades de lazer. Guimarães ainda relata que muitos colegas buscam o lazer de forma pouco saudável, com uso abusivo de álcool como justificativa para aliviar o estresse, por exemplo. Mesmo que o alcoolismo na polícia militar seja considerado como doença atualmente, Guimarães afirma que até que o policial seja reconhecido como doente, ele será punido e sua vida profissional e pessoal será totalmente arrasada.

O policial afirma que além de não receber apoio dentro da corporação, sente uma cobrança da sociedade. Ele afirma se sentir impotente por se encontrar em um aglomerado de regras e normas, mesmo buscando sempre fazer o certo, pois precisa ser aceito na sociedade onde está inserido. Percebe essas regras como algo

maior que os seres humanos que as seguem, de forma que a vida pessoal é deixada de lado, e a vida se resume ao policial que tem ordens a cumprir.

Guimarães identifica como essencial um serviço de prevenção ao adoecimento mental dos policiais militares, como forma de estimular os policiais militares a cuidarem de forma saudável do estresse, com grupos de apoio com psicólogos e outros profissionais que possam auxiliar nos processos de adoecimento.

A polícia tem a finalidade que fazer valer o direito à segurança, mas também a atividade policial sofre com inúmeras pressões tanto dos fenômenos sociais como da organização do trabalho, e um componente que prevalece é a precarização no trabalho, como o mesmo Guimarães citou, às condições de trabalho, do ponto de vista ambiental, que a literatura aponta como frequente na rotina dos policiais o trabalho com equipamentos e instrumentos inapropriados, tendo que lidar com a redução dos recursos necessários para a manutenção de tais equipamentos, salários incompatíveis e pouca capacitação profissional (SILVA, VIEIRA, 2008).

As exigências da prática do policial permanecem tão inseparáveis, que passam a fazer parte de aspectos da identidade dessas pessoas, de forma que percebemos atitudes típicas da profissão até mesmo em horário de folga, atuando de maneira semelhante ao que foram treinados. Essas características se mostram mesmo depois da aposentadoria. Desse modo, a organização institucional pode contribuir para vulnerabilizar a saúde mental desses profissionais. Desde o início no curso de formação, quando a classe de praças e oficiais é condicionada a manter um determinado comportamento, disciplinado, centrado, organizado e resistente a certos tipos de pressões físicas e psicológicas (SILVA, SEHNEM 2018).

Por tal motivo fracasso e a derrota é algo fora de cogitação ao grupo, se para motivar o sujeito a ter sucesso é relevante para as instituições, por outro lado quando isso é muito elevado e tem um grau de importância muito grande, é que não faz bem pra o policial (LUSTOSA, GONÇALVES, 2017).

De acordo com Pereira, Madruga e Kwahala (2020) essa classe profissional se encontra em grande vulnerabilidade de adoecimento mental, pelo fato de estarem

em constante contato com riscos reais de morte, estado de alerta e fadiga e muitas vezes situações ligadas ao suicídio, há uma ligação entre suicídio policial, apoio institucional, sentimentos de desesperança e sintomas de estresse pós-traumático, as condutas administrativas e a inexistência de apoio fazem que haja efeitos maiores na desesperança de muitos policiais, do que lidar com o perigo eminente

A segurança pública passa por uma crise profunda, com o aumento significativo nos índices de violência e criminalidade, ao passo que as políticas públicas se mostram pouco efetivas. As críticas que a segurança pública sofre são muitas, especialmente quando se refere à atuação da polícia militar. A atividade militar não cessa com o serviço diário, mas implica em um contínuo estado de alerta, mesmo quando estão em momento de descanso (OLIVEIRA, SANTOS, 2010).

É perceptível que suicídio entre policiais militares tem aumentado bastante na última década e que corrobora com o que Guimarães traz, no qual diante de tal realidade é necessário que a sociedade e o Estado despertem para esse problema. Comparado a outras categorias profissionais, a polícia militar tem um enorme risco de morte por suicídio. A atividade policial carrega consigo muitos fatores estressantes, que quando são acrescentados com suas características de vida privada, podem aumentar o risco de ideação suicida. Trata-se de uma categoria profissional com um risco muito elevado de morte por suicídio, se comparado a outras categorias (ROCHA, OLIVEIRA, FARIA, 2021).

Como Guimarães diz, dentro da corporação é tudo muito rígido, alcançar metas é uma das suas principais funções, e quando isso não é alcançado a organização do trabalho da polícia militar tem um sistema de punições e que tem como principal elemento o disciplinamento, que é controlada por uma hierarquia (SPODE, MERLO, 2006).

O trabalho da polícia militar é visto como desumano por parte da sociedade. Os profissionais admitem que para praticar tal profissão é necessário 'ser uma máquina', e evitar que os sentimentos e afetos interfiram nas decisões e atitudes. (SILVA, VIEIRA, 2008).



Ainda existe uma enorme resistência quando se fala de acompanhamento psicológico, causado por rótulos criados pela sociedade, porém é de muita relevância que tenha esse profissional no ambiente militar.

Existe um número considerável de policiais que são afastados de suas atividades em função de adoecimentos, indicando que o cuidado em saúde se mostra insuficiente para essa categoria profissional. Por isso é importante o debate sobre os impactos psicológicos que são causados a esses sujeitos, para fomentar estratégias de prevenção e cuidado em saúde. (NARLOCH, LOPOES, 2020).

O policial trabalha em prol da segurança, ordem e proteção coletivas. por tão motivo as instituições militares devem ser responsáveis por criar, programas de prevenção, e outras formas para que policiais não chegam ao ponto de passar por um estresse excessivo que gere impactos psicológicos graves, compreender todos esses comportamentos que podem advir dessa profissão é de suma importância, pois o policial precisa estar bem fisicamente quanto mentalmente para prestar um serviço de qualidade para população, quando esse profissional é ajudado, é incentivado a procurar formas de se cuidar, como praticar esportes, ter um momento de lazer, terá um efeito positivo em seu trabalho, fazendo com que diminua e muitos nos índices de estresse e esgotamento. É claro que também deve partir do policial militar a vontade de se cuidar, é preciso que ele priorize sua saúde procurando meios para prevenir que sua saúde mental não chegue ao um certo ponto de desequilíbrio (SANTOS,2019).

Entretanto, é preciso que se tenha dentro de uma corporação ações preventivas e tratamento que visam aliviar esses sofrimentos, e que ainda são muito escassos no país, é necessário que se esclareça nessas organizações sofre transtornos mentais, que traga esclarecimentos sobre esse mal , para que se tenha essa superação de estigmas de preconceitos referente a saúde mental, é totalmente relevante que tenha um espaço de escuta, de trocas em grupo, em que um profissional da área da saúde mental atue ajudando esses profissionais, e também trazendo formas de prevenção para os mesmos, por meio de palestras, informações. E isso tudo prezando o bem e a saúde do profissional da polícia militar

que passam por inúmeras formas de desgaste, tais profissionais que por muitas vezes são negligenciados e esquecidos (SANTOS, HAUER, FURTADO, 2019).

É essencial iniciativas que contribuam para ações preventivas em saúde mental de policiais militares. Assim como, é importante o investimento na capacitação e sensibilização dos responsáveis pela gestão de setores estratégicos da corporação, e esforços para uma mudança de paradigma na sociedade, de forma que o policial seja mais respeitado, bem como que haja mudanças para uma cultura que é marcada por preconceitos com a doença mental (SANTOS, HAUER, FURTADO, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este estudo pudemos identificar o impacto que o trabalho tem na saúde mental dos policiais militares, impactos estes que podem ter uma prevenção previa para que não há nenhum agravo na qualidade de vida do policial nem no desempenho de seu trabalho na corporação.

Avaliar as medidas dotadas dentro da corporação, para que não sejam um abuso de poder atribuído entre eles é fundamental, inserir os policiais em trabalhos preventivos para que não aconteça o agravo do desgaste psíquico destes. Que esses trabalhos sejam feitos e não apenas planejados, que os psicólogos inseridos na corporação façam acontecer essa prevenção de forma que modifiquem a visão de seus superiores e abram brechas para que esse trabalho seja expandido.

Reforça-se que o acompanhamento psicológico é de extrema importância e deve ser incentivado por seus superiores, visando uma saúde melhor de todos aqueles policiais militares que estão a trabalho. Diante disso a ajuda de um profissional da psicologia pode contribuir para a promoção da saúde mental e cuidado com os adoecimentos psíquicos já experimentados pelos profissionais dessa categoria (BARBOSA, MENEZES, 2019).

## **REFERÊNCIAS**

AMADOR, Fernanda Spanier, SANTORUM, Kátia, *et al.* Por um programa preventivo em saúde mental do trabalhador na brigada militar. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, n. 3, p. 54-61, 2002.

BARBOSA, Louise Maia; MENEZES, Catarina Nívea Bezerra. A importância do apoio psicológico na saúde mental dos policiais militares de Fortaleza. **Psicologia Argumento**, v. 35, n. 89, 2019.

CARDOSO, Ana Claudia; MORGADO, Luciana. Trabalho e saúde do trabalhador no contexto atual: ensinamentos da Enquete Europeia sobre Condições de Trabalho. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n.1, p. 169-181, 2019.

COUTO, Gleiber, BRITO Emerson de Araujo Garro, *et al.* Saúde mental do policial militar: Relações interpessoais e estresse no exercício profissional. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 68, 2017.

ROCHA, Daniela Dias; OLIVEIRA; Karine Moraes; FARIA, Antônio Hot Pereira. Suicídio no meio Policial **Revista Do Instituto Brasileiro De Segurança Pública**, SP, v. 4, n. 8, p. 101-112, 2021.

DANTAS, Marilda Aparecida *et al.* **Avaliação de estresse em policiais militares. Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 3, p. 66-77, 2010.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

GIROTTI, Cristiane; DIEHL, Liciane. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre a possível relação entre o diagnóstico e as situações de trabalho. **Polêmica**, v. 16, n. 2, p. 090-115, 2016.

LUSTOSA, Daniela Bizzotto Soares; GONÇALVES, Heli José. Psicologia na polícia militar: desafios do âmbito da cultura organizacional. **Psicologia: Saúde Mental & Segurança Pública**, v. 3, n. 6, 2017.

MACEDO, Leonila Maria Gomes da Costa. **Saúde mental dos policiais militares: revisão integrativa**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em enfermagem) – centro de educação e saúde, universidade federal de campina grande, cuité-pb, 2016.

MARTINS, Maria Cristina Garcia Costa; LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Quando o policial procura ajuda psicológica: **Interfaces entre sofrimento e organização do trabalho. Psicologia: Saúde Mental & Segurança Pública**, v. 3, n. 7, p.43-64, 2018.

MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., OLIVEIRA, R. V. C. Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro (RJ, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**, v.16, n.4, p.2199-2209, 2011.

MOURA, Simone Vivian. Os impactos do trabalho sobre a saúde mental do policial militar. **Psicologia: Saúde Mental & Segurança Pública**, v. 4, n. 8, 2019.

NARLOCH, Cleuza caroline da silva mendes; LOPES, Hanns-Muller Marques. **Impactos psicológicos causados na qualidade de vida do policial militar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado em Psicologia- Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Ariquemes, RO, 2020.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães, *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesqui. prá. psicossociais.**, v.12, n.2, p. 466-485 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 23/05/2021.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Luana Minharo dos. Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. **Sociologias**, v. 12, n. 25, p. 224-250, 2010.

OLIVEIRA, Thamires Sousa de; FAIMAN, Carla Júlia Segre. Ser policial militar: reflexos na vida pessoal e nos relacionamentos. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 19, n. 2, p. 607-615, 2019.

PEREIRA, Eliane França; TOLFO, Suzana Tolfo Rosa. **Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia**: uma revisão das suas bases teórico epistemológicas. **Psicologia Argumento**, v. 34, n. 87, p.303-315 2017.

PEREIRA, Gustavo Klauberg; MADRUGA, Amanda Batista; KAWAHALA, Edelu. Suicídios em uma organização policial-militar do sul do Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, v.28, n.4, p.500-509, 2020.

SANTOS, Adriana dos Reis dos. **Transtorno de estresse em policiais**: índice de crimes relacionados à saúde física e mental. com um viés à síndrome de burnout. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- unicesumar - Centro Universitário de Maringá, Paraná, 2019.

SANTOS, Rosemary de O.; HAUER, Roseli D.; FURTADO, Tânia MG. O sofrimento psíquico de policiais militares em decorrência de sua profissão: revisão de literatura. **Revista Gestão & Saúde**, v. 20, n. 2, p. 14-27, 2019.

SILVA, Aline Pacheco *et al.* Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: estudos em psicologia**, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, Liliane Neris; SEHNEM, Scheila Beatriz. Avaliação da saúde mental de policiais militares. **Pesquisa Em Psicologia - Anais eletrônicos**. UNOESC-Faculdade de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018.

SILVA, Maurivan Batista da; VIEIRA, Sarita Brazão. O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. **Saúde e sociedade**, v. 17, n.1, p. 161-170, 2008.

SILVA, Natália Nogueira da. **Polícia Militar, produção de subjetividade e saúde mental: Uma revisão de literatura**. 2014. 63 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Saúde Pública, ENSP, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

SOARES, Wellington Danilo; RODRIGUES, Beatriz Pereira; PIMENTA, Carla Priscila Santos. Síndrome de Burnout, depressão, ansiedade e ideação suicida em servidores de segurança pública. **Revista Uningá Review**, v. 36, p.2-10, 2021.

SOUZA, Edinilsa Ramos, *et al.* Sofrimento psíquico entre policiais civis: uma análise sob a ótica de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n.1, p. 105-114, 2007

SPODE, Charlotte Beatriz; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar, **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 19, n. 3, p. 362-370, 2006.

SPODE, Charlotte Beatriz; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 19, n. 3, p. 362-370, 2006.

TRINDADE, C., Maders, T. R., Savanhago, L., Coutinho, M. C. Histórias de vida em psicologia: articulações entre trabalho e gênero. **Perspectivas em Psicologia**, v., 17, n.1, p. 10-20, 2020.